Perdendo mercado

Caiu o desempenho global dos defensivos agrícolas. Mas pelo menos no Brasil, há motivos de otimismo

PETER AHLGRIMM

O mercado mundial de agroquímicos registrou um montante de US$28,6 bilhões em 1999; no ano anterior havia movimentado US$30 bilhões. O desempenho foi negativo de -4,8%.

Renda total por unidade de área

O Nordeste asiático foi a única região do mundo a ver crescer o desempenho de seus negócios no setor, aliás com um bom incremento: de 10% em 1998 para 17% no ano seguinte, principalmente em função da recuperação econômica após a crise de 1998. O bloco da Nafta manteve uma participação de 31% na venda total nesses dois anos.

As demais regiões – Europa e América Latina – tiveram queda de 2 e 3% respectivamente. O comércio internacional como um todo registrou queda na venda total de 5%.

Excetuando-se o Japão e a Austrália, onde a participação no mercado cresceu de 7 e 5% para cada um, houve retração nas vendas das indústrias desse ramo de produtos, com destaque para a China (-10%), o Brasil (-9%), os EUA (-7%) e a Grã-Bretanha (-6%).

Menos química para mais produtos

O arroz foi o único produto a apresentar um aumento expressivo na participação das vendas mundiais de agroquímicos, com crescimento de 4%; pequenos aumentos ocorreram em hortaliças (0,7%) e algodão (2%).

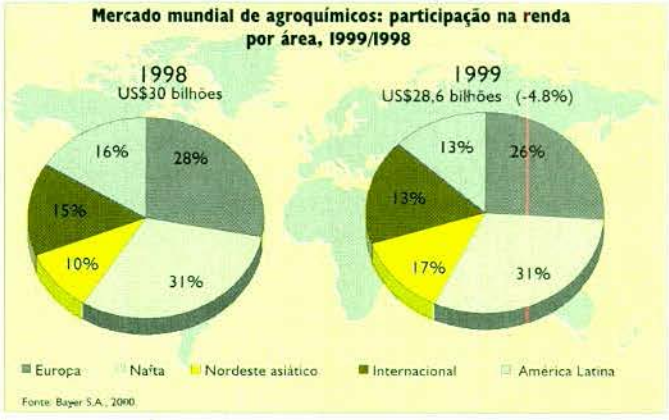
A redução mais importante em nível mundial foi encontrada na cultura da soja: -13%. Seguiram-se fumo, com -11%; beterraba, -10% e cana-de-açúcar, com - 8%.

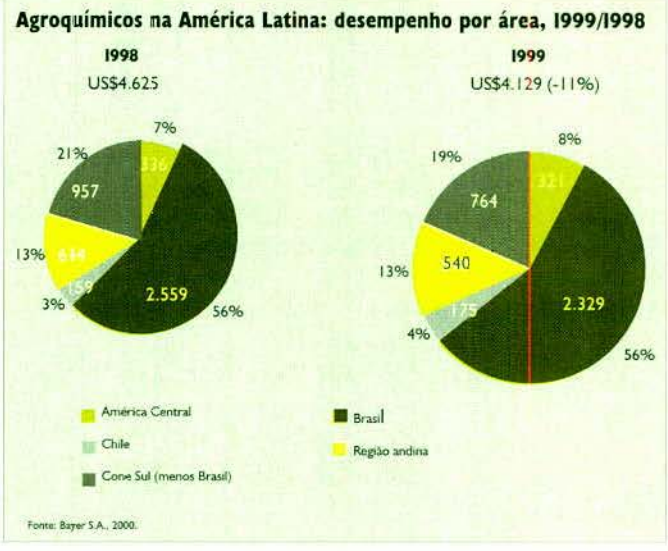
Queda maior na América Latina

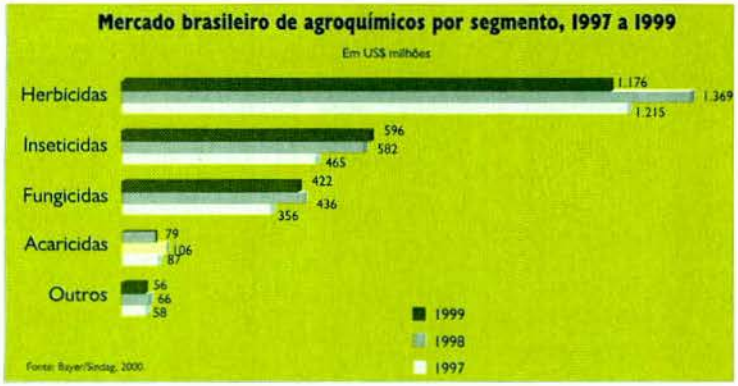
Em 1998 o Brasil, país de maior peso no mercado de agroquímicos do continente, registrou um desempenho de US$2,5 bilhões. Esse desempenho caiu para US$2,3 bilhões no ano seguinte. A queda nominal da participação brasileira não chegou a alterar o percentual de 56% de sua fatia no total do mercado sul-americano, composto sobretudo por herbicidas (57%), inseticidas (26%) e fungicidas (17%).

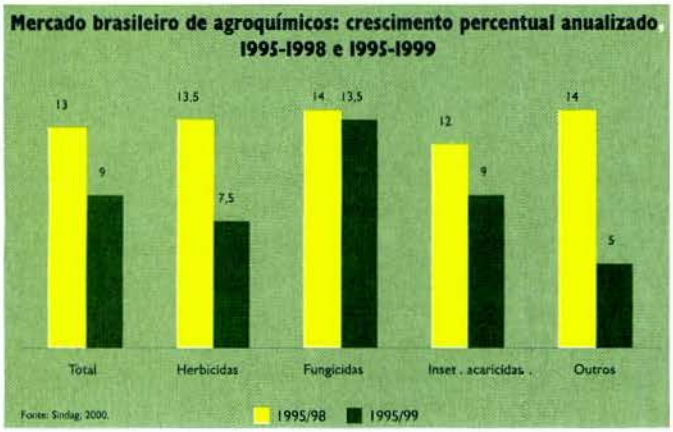
A América Central e a região Andina mantiveram também seus percentuais – 7 e 13% – e o Chile foi o único país da região a melhorar ligeiramente seu desempenho, de 3% em 1998 para 4% em 1999 no total de renda sul-americano.

O Cone Sul, sem o Brasil, teve queda de -2% na participação da renda do setor, que declinou de US$957 milhões em 1998 para US$764 milhões no ano seguinte.









Mercado brasileiro

A queda nominal da participação brasileira devido à redução nos segmentos de herbicidas, fungicidas e acaricidas foi atenuada pelo aumento do montante referente a inseticidas – de US$582 para US$596.

O uso dos agroquímicos caiu de 1998 para o ano seguinte, sobretudo nas culturas de soja e cana-de-açúcar, como demonstram os resultados do setor: de US$908 milhões para US$824 milhões na primeira, e de US$210 para US$142 milhões na segunda, como conseqüência da desvalorização cambial e baixos preços das *commodities* no mercado internacional, reduzindo os investimentos no setor.

Houve queda também nos demais produtos: café, batata/tomate, citros, feijão e hortifrutigranjeiros.

Para o algodão, o desempenho dos agroquímicos melhorou de US$142 para US$200 milhões de 1998 para 1999. Milho e arroz tiveram uma pequena participação no aumento da renda do setor.

Defensivos agrícolas no Brasil

A soja, cultura que ocupa a área de maior extensão na agricultura brasileira – 13 milhões de hectares –, foi responsável pela venda de US$824 milhões do setor de agroquímicos em 1999, com percentual de 35% do total.

A segunda participação do ano por produto, nesse mercado nacional, ficou para o milho, de área pouco menor que a da soja – 12,1 milhões de hectares – e participação de US$215 milhões ou 9%.

Das outras culturas nacionais se destacaram algodão e café, ambos com 8% do total (US$200 milhões e US$186 milhões) e cana, com 6% (US$142 milhões).

A amplitude da queda em cada um desses segmentos na participação das vendas nacionais do setor de agroquímicos pode ser mais bem observada no intervalo de 1995 a 1999: -5% no caso dos herbicidas e -3% em inseticidas e acaricidas juntos, por exemplo. No total, houve uma queda de 4%.

Retração no mercado interno

A descapitalização do setor de produção pode ser responsabilizada pelo desempenho negativo das vendas de agroquímicos no mercado interno. Poucas garantias de crédito, baixa renda do agricultor e prazos muito extensos de pagamento ao produtor, que não lhe deixam recursos suficientes para arcar com seus custos de produção em tempo útil, explicam em parte essa descapitalização.

Também os recursos governamentais, insuficientes para custear ou incentivar o agricultor, concorrem para que ele se veja na contingência de realocar seus próprios meios para as necessidades mais imediatas a suas atividades.

Enquanto os preços das *commodities* continuarem baixos e sua recuperação mantiver o ritmo lento que tem apresentado, dificilmente se conseguirá reverter a situação.

O custo Brasil, representado pela pesada carga tributária e por uma infra-estrutura cronicamente deficiente, interferem no desempenho da agricultura como um todo, atingindo todos os elos da cadeia produtiva e restringindo a rentabilidade de seus insumos.

Há ainda fatores exógenos ao mercado, como o contrabando de produtos, principalmente no Rio Grande do Sul, no Paraná e no Mato Grosso do Sul, e o roubo de cargas, ainda habitual em nossas estradas.

Tecnificação da agricultura

A profissionalização em toda a cadeia produtiva do setor agrícola e a maior tecnificação dos produtores, que vêm ocorrendo nos últimos anos, são condições fundamentais para reverter a queda do desempenho dos defensivos químicos no Brasil.

É grande o potencial de expansão das áreas de produção, fator bem favorável para os interesses do mercado, quando se pensa nas limitações encontradas em outras regiões do mundo.

Juntando-se a esses fatores nossas conhecidas condições de competitividade no mercado internacional, podemos dizer que a agricultura do país tem ainda muito que crescer. Sobretudo se levarmos em conta as perspectivas favoráveis do consumo doméstico, na medida das melhorias da economia e de maiores crescimentos do PIB.

Peter Ahlgrimm é gerente de marketing da Bayer.